# AS VILAS DE MINAS NA VISÃO DOS VIAJANTES NATURALISTAS: interfaces entre história, biologia e educação ambiental

Valdir Lamim-Guedes [*]
José Costa Júnior [**]

RESUMO

A partir de relatos de viajantes naturalistas que passaram pela região de Ouro Preto no século XIX, é possível fazer uma reconstrução das paisagens. Visitar os locais descritos e ler trechos dos diários de viagem é uma forma de explorar as interfaces entre história, biologia e educação ambiental. Neste texto, apresentamos o relato de experiência da oficina "As Vilas de Minas na visão dos Viajantes Naturalistas", realizada em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

**Palavras-Chave**: Paisagem e memória. Percepções da natureza. Educação Ambiental.

ABSTRACT

**The Villages Of *Minas* In The View Of Naturalistic Travelers: Interfaces Among History, Biology And Environmental Education**

Based on reports written by naturalists who traveled around the *Ouro Preto* region in the nineteenth century, its landscape could be reconstructed. Visiting the places they described and reading excerpts from their travel journals are ways to explore interfaces among History, Biology and Environmental Education. This paper aims at reporting our experience in the workshop "The Villages of *Minas* in the view of naturalistic travelers", which was held in *Ouro Preto*, *Minas Gerais*, Brazil.

**Keywords**: Landscape and memory. Perceptions of nature. Environmental Education.

[*] Biólogo e Mestre em Ecologia pela Universidade Federal de Ouro Preto; Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Jornalismo Científico da Universidade Estadual de Campinas. Email: dirguedes@yahoo.com.br.

[**] Doutorando em Filosofia - Programa de Pós-Graduação em Filosofia - FAFICH-UFMG. Email: jose.costajunior@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

A História Ambiental é um campo do conhecimento interdisciplinar por congregar conhecimentos de diversas Ciências Naturais, da Terra e História da Ciência. É um ponto de interseção entre a Biologia e a História pois, quando se trabalha com uma análise abrangente dos processos históricos que uma sociedade ou região passou ou passa, é muito improvável descartar influências ambientais sobre esses processos. Neste sentindo, a História Ambiental relaciona-se à história natural e social, lembrando que a natureza, o meio ambiente, tem uma grande importância sobre a evolução das sociedades (Freitas, Pinto, Moura, 2006). Neste sentido, ela também passa a ser uma ferramenta de educação ambiental.

Esta visão ampla que a História Ambiental proporciona permite uma interdisciplinaridade em atividades educacionais escolares (ou formais), atendendo as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (Brasil, 1998)[1]. Ela contribui para aprofundar o nosso conhecimento de como os seres humanos afetaram e foram afetados pelo seu ambiente natural.

A História Ambiental, portanto, é uma ferramenta muito importante para ações de Educação Ambiental, sendo que "o desprezo pelo passado e a indiferença quanto ao futuro que a sociedade brasileira, em particular, parece nutrir secularmente, aproxima o conhecimento histórico e o debate de questões ambientais neste início de século" (Martinez, 2006: 16). Isto se torna mais claro quando se considera a educação ambiental como uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de um enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada individuo e da coletividade (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1994).

[1] Diretrizes elaboradas pelo Governo Federal do Brasil que orientam a educação. Divididos em disciplinas, abrangem práticas de organização de conteúdo e formas de abordagem das matérias. Estes ainda trazem os temas transversais - ética, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo e saúde - que expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania, que devem ser tratados durante as atividades em sala de aula.

A história da região de Ouro Preto se confunde com a história da degradação ambiental que ela passou, sendo que as características ambientais determinaram o processo de descoberta, povoamento, desenvolvimento e decadência econômicos. A cidade de Ouro Preto foi alvo de intensa atividade mineradora entre os séculos XVIII e XIX, tratando-se da localidade central do Ciclo do Ouro neste mesmo período. Fundada como vila em 8 de julho de 1711, a cidade foi alvo da busca pelo ouro e outros minérios e ainda hoje tem diversos pontos de exploração mineral.

Neste contexto, pode-se tratar de forma interdisciplinar a situação no passado e presente desta região, através dos relatos que os Viajantes Naturalistas fizeram no século XIX, contrapostos à situação atual. Tais viajantes começaram a visitar a região com mais assiduidade a partir da abertura dos portos às nações amigas em 1808, para descrever a fauna e a flora das exóticas terras coloniais. Desse modo, a partir dos textos de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que permaneceu no Brasil de 1816 a 1822, Johann Baptist Ritter von Spix (1781-1826), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e outros, tem–se uma visão de como era a cidade de Ouro Preto, então Vila Rica, e o seu entorno, principalmente sobre os aspectos naturais, como a vegetação e marcas deixadas pela mineração (Lamim-Guedes, 2010).

O cenário social que recebeu esses viajantes já era fruto da intensa atividade mineradora predatória, o que não causou boa impressão. As descrições realizadas pelos europeus sobre a fauna e flora locais foram bem mais favoráveis do que as observações sobre as vilas e cidades. Estas informações podem ser utilizadas em atividades educacionais, relacionando a degradação ambiental do período do ciclo do ouro com os prejuízos advindos desta, por exemplo, perda de espécies biológicas e assoreamento dos rios.

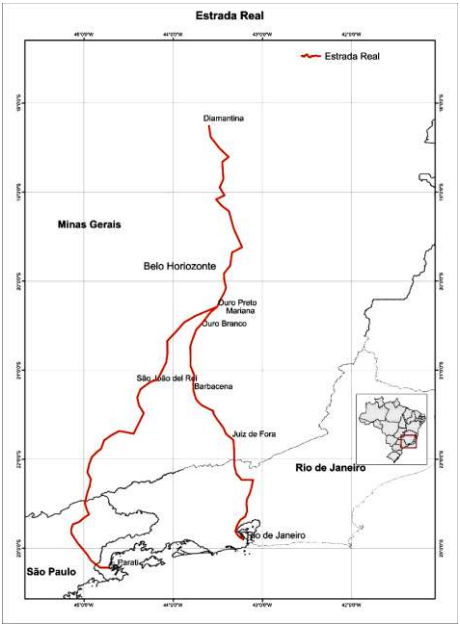

FIGURA 1: Mapa da Estrada Real.

## AS VILAS DE MINAS

Em 2011, o eixo temático do Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana[2] foi "As Vilas de Minas", ou seja, as vilas de Ribeirão do Carmo (Mariana), Vila Rica (Ouro Preto) e Vila Real Nossa Senhora da Conceição (Sabará), que completavam 300 anos de criação de suas Câmaras e consequente elevação à categoria de Vila. Estas vilas foram importantes centros urbanos durante o Ciclo de Ouro, período entre o final do século XVII e início do século XVIII, estendendo-se até o século XIX.

A oficina "As Vilas de Minas na visão dos Viajantes Naturalistas" fez parte da programação deste Festival de Inverno. No primeiro dia, foi realizada uma palestra introdutória sobre a narrativa

[2] Evento artístico-cultural que ocorre no mês de julho, nas cidades de Ouro Preto e Mariana, Minas Gerais, organizado pela Universidade Federal de Ouro Preto e as prefeituras das duas cidades.

como forma de produção de conhecimento, juntamente com a história da ocupação da região das vilas, fruto direto do interesse econômico na atividade mineradora, comentando sobre as viagens dos naturalistas e atividade mineradora. Sobre isto, um aluno comentou: "Entender sobre os Viajantes Naturalistas possibilita compreender um pouco mais a respeito das características do território e da cultura mineira" (Programa Sentidos Urbanos, 2011).

Nos três dias seguintes, foram realizadas visitas a algumas áreas descritas nos relatos dos viajantes: o caminho entre o Morro de São Sebastião e o centro histórico de Ouro Preto, Serra de Ouro Branco e Parque Estadual do Itacolomi. Durantes as visitas, foram lidos trechos das obras que descrevem o local visitado.

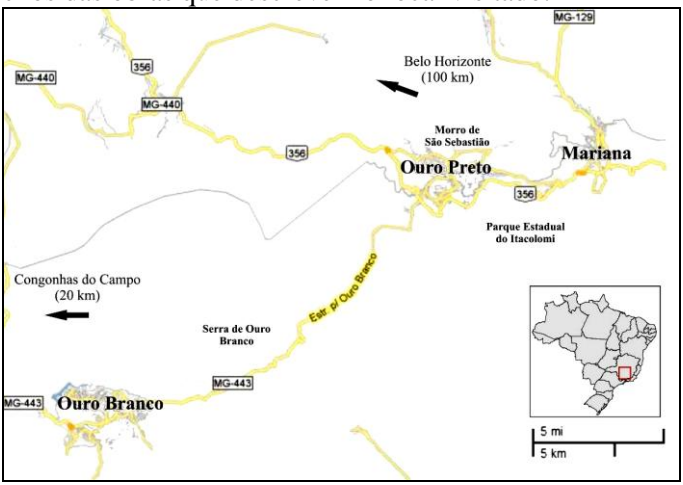


FIGURA 2: Mapa com a localização dos locais visitados durante a oficina, em julho de 2011.

As paisagens visitadas encontram-se em áreas de transição entre vegetações florestais (Bioma Mata Atlântica) e campestres (Bioma Cerrado), sendo que nos topos de serras aparecem ocorrências de campo rupestre[3].

No Morro de São Sebastião, foram realizadas caminhadas nos arredores, com o objetivo de observar paisagens descritas pelos

[3] Comunidades vegetais campestres associadas a afloramentos rochosos de diferentes litologias (e.g. quartzito, granito, arenito), que ocorrem, principalmente, nos topos de serras nos estados de Minas Gerais e Bahia.

viajantes. Foram observadas várias minas antigas de ouro e montes de cascalho. A partir deste bairro de Ouro Preto, é possível ter uma vista de quase toda a cidade, sendo possível observar as dificuldades que o relevo impunha a quem quisesse chegar à antiga Vila Rica no século XIX, como registrou Auguste de Saint-Hilaire:

> A grande quantidade de ouro que se encontrou em Vila Rica foi a única causa de sua fundação. Seria, aliás, impossível escolher posição menos favorável, pois que essa vila está afastada dos portos de mar e mais afastada ainda de qualquer tipo de rio navegável; as mercadorias só podem chegar aí em animais de carga, e seus arredores são completamente estéreis (Saint-Hilaire, 2000, p. 69).

Durante esta caminhada, que terminou no centro histórico de Ouro Preto, discutimos sobre as impressões que os viajantes tinham da vida da cidade, inclusive algumas que surpreendem até hoje:

> Contam-se em Vila Rica quinze ou dezesseis capelas e duas igrejas paroquiais, uma dedicada a Nossa Senhora do Pilar, (...); a outra, construída sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, e chamada geralmente a igreja do Rio do Ouro Preto, por causa da corrente perto do qual está situada (Saint-Hilaire, 2000, p. 71).

Saint-Hilaire continua o seu relato descrevendo as duas igrejas. Com estas leituras à vista das igrejas a partir do alto do Morro de São Sebastião, discutiram-se aspectos da cultura mineira registrados pelos viajantes. Sobre isto, um dos participantes da oficina comentou: "Resgatar possíveis passos desses desbravadores Viajantes é realizar também um caminho sobre a cultura" (Programa Sentidos Urbanos, 2011).

Na Serra de Ouro Branco, durante a caminhada, foi possível observar paisagens semelhantes às descritas por Saint-Hilaire:

> os contornos das montanhas são na maior parte ásperos e irregulares; continuamente se avistam escavações para lavagens de ouro; a terra vegetal foi eliminada, com ela desapareceu a vegetação, e nada mais ficou senão montes de cascalho (Saint-Hilaire, 2000, p. 68).

Apesar desta visão, prevalece no texto a descrição da vegetação de campo rupestre, com destaque para algumas espécies ausentes em outras paisagens brasileiras ou europeias, sendo

repetidamente relatadas nas descrições do caminho entre Ouro Branco e Ouro Preto.

Algumas espécies são descritas detalhadamente como, por exemplo, plantas do gênero *Vellozia* (Velloziaceae), conhecidas como canelas-de-ema, sobre as quais Spix e Martius se dizem "especialmente maravilhados", ao descrever algumas plantas da Serra de Ouro Branco (Figuras 3 e 4).



FIGURA 3: campo com Canelas-de-Ema (Vellozia sp.,Velloziaceae), "Morro do Gravier", Serra de Ouro Branco, Minas Gerais. Fonte: Martius, Eichler e Urban (1906) (Prancha 4).

> Ficamos, porém especialmente maravilhados, quando subimos o íngreme Morro de Gravier, continuação da Serra de Ouro Branco, ao avistarmos os lírios arbóreos, cujos caules fortes e nus, bifurcados nuns poucos galhos, muitas vezes terminados com um tufo de folhas compridas, com as queimadas dos campos: carbonizadas na superfície são umas das maravilhosas formas do mundo das plantas. Ambos os gêneros que eles formam, *Barbacenia* e *Vellosia*, são chamados no país canela-de-ema (Spix; Martius, 1981, p. 249).



FIGURA 4: Campo com Canelas-de-ema (Vellozia sp.,Velloziaceae), Serra de Ouro Branco, Minas Gerais. Foto: Autores, Julho/2011.

Foi muito interessante ler o trecho acima, do diário de Spix e Martius, ao lado de uma canela-de-ema. Mesmo sem avisar aos alunos que estavam diante da planta do relato, eles entenderam imediatamente que era aquela a planta descrita e ficaram impressionados pela riqueza de detalhes e por imaginarem a surpresa dos viajantes ao se depararem com estas plantas durante a viagem (Figuras 3 e 4). Este foi um momento chave para discutir o *status* de conservação das espécies de canela-de-ema e outras espécies que ocorrem na região e nos campos rupestres.



FIGURA 5: Leitura de trechos de relatos de viagem. Serra de Ouro Branco, Minas Gerais. Fonte: Jairo Alna, Julho/2011.

No caminho de volta para Ouro Preto, paramos em um trecho da antiga Estrada Real[4] que conserva muros de sustentação em pedras, utilizados à época colonial. Por último, passamos pela ponte da Caveira, uma das várias pontes da Estrada Real localizadas na região.

No Parque Estadual do Itacolomi[5], percorremos uma trilha para perceber como era realizada a viagem pelas estradas e trilhas da região, com relevo acidentado e no meio da vegetação; além das leituras dos relatos e visita à sede do parque, que tem uma exposição de longa duração sobre os viajantes naturalistas. Discutimos sobre a importância das Unidades de Conservação para a proteção do patrimônio natural e histórico[6]. No fim da oficina, realizamos um debate sobre os quatro dias, reforçando as relações entre meio ambiente e história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização dos relatos de viagens permite a construção de um cenário socioambiental de Ouro Preto no século XIX, fazendo uma interface entre história ambiental e biologia. Esta oficina, apesar de ser uma atividade educacional não-formal, utiliza desta interface seguindo a ideia de temas transversais, sem a necessidade de, em dada hora da oficina, anunciar que serão tratados assuntos relacionados à educação ambiental ou à história ambiental. Tais temas surgiram ao longo dos debates, palestras ou caminhadas. Desta forma, é possível integrar diferentes assuntos de forma natural, deixando mais contextualizado e prazeroso o entendimento dos mesmos.

[4] Caminho *oficial* no período colonial e imperial, único autorizado para a circulação de pessoas e mercadorias, que ligava Paraty (caminho velho) ou o Rio de Janeiro (caminho novo) a Ouro Preto.

[5] Criado em 1965, o Parque Estadual do Itacolomi abrange uma área de 758ha nos municípios de Ouro Preto e Mariana. A vegetação do parque é de florestas semideciduais e campos rupestres. Parte da área passou, no fim do século XIX e na década de 1950, por dois ciclos de plantio de chá (*camélia sinenesis*, xx). Posteriormente, a área foi abandonada e a vegetação nativa regenerou-se.

[6] No Parque existem várias ruínas dos séculos XVIII e XIX, como muros e a Casa Banderista, que era um posto fiscal da Coroa Portuguesa na Estrada Real, recuperada recentemente e transformada em um espaço para exposições destinadas aos visitantes do parque.

## REFERÊNCIAS


BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1998.

FREITAS, I. A.; PINTO, F. L. F.; MOURA, R. A. A História Ambiental na Geografia de Alberto Lamento. *Interagir: pensando a extensão*, IX, p. 71-78, 2006.

LAMIM-GUEDES, V. Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX. *Filosofia e História da Biologia*, v. 5, n. 1, p. 97-114, 2010.

MARTINEZ, P. H. *História Ambiental no Brasil:* pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTIUS, K. F. P.; EICHLER, A. W.; URBAN, I. (ed.). *Flora Brasiliensis*, v. I, parte I, 1906.

PROGRAMA SENTIDOS URBANOS. Diário de bordo – Oficinas da Curadoria de Patrimônio. Disponível em: <http://programasentidosurbanos.blogspot.com.br/2011/07/diario-de-bordo-oficinas-da-curadoria.html>. Acesso em: jan. 2013.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução Vivald Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Educação Ambiental e desenvolvimento*: documentos oficiais. São Paulo, 1994.

SPIX, J. B.; MARTIUS, K. F. P. *Viagem pelo Brasil:* 1817-1820. Vol. 1. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Melhoramento, 1981.